

TODOS SABEM, NADA ACONTECE

***Roberto Rodrigues**

Desde os tempos da Rodada Uruguai do GATT – Acordo Geral de Tarifas e Comércio -, instituição que antecedeu a OMC, os países se agrupavam de acordo com a similaridade dos seus interesses. Mas foi com a Rodada de Doha, iniciada há 11 anos e cujos avanços até agora foram pífios, que surgiram muitos outros grupos, cuja designação sempre começa com a letra G.

Entre estes, destaca-se o G20, liderado pelo Brasil e que tem uma visão mais flexível sobre a abertura do comércio agrícola, embora seus componentes disputem diferentes posições quanto ao nível desta abertura. É natural, pois aí estão gigantes como a China e a Índia, ao lado de países pequenos como Cuba e a Bolívia, entre outros importantes players globais.

Já havia o G Cairns, o grupo de países exportadores agrícolas, sob a coordenação da Austrália. Este perdeu um pouco de protagonismo com o G20.

Há o G10, de países que se consideram vulneráveis às importações agrícolas, o Grupo Africano, o Grupo de Países de Economia em Transição, o G7, dos países mais ricos do mundo e assim por diante.

Apesar do imobilismo de Doha, a idéia dos Grupos permaneceu, dando origem a outro G20, este composto pelas principais economias do planeta, cujo objetivo foi enfrentar as crises financeiras, a partir de 2008. Boa parte de suas metas se deve à falta de atuação de outras organizações multilaterais e os riscos decorrentes deste vazio institucional.

Pois bem. O mundo se debate diante de um desafio monumental, o da segurança alimentar e energética sustentáveis.

Não passa uma semana sem que, nos mais diversos países, sábios, cientistas, especialistas, economistas, sociólogos, engenheiros, agrônomos, administradores, advogados, traders, políticos, diplomatas e toda sorte de profissionais se debrucem sobre este tema em eventos variados. E já há um certo enfado nas reuniões, uma vez que os diagnósticos são super conhecidos e as propostas também. Todo mundo sabe que em 2050 teremos 9 bilhões de pessoas no mundo, que até lá precisaremos dobrar a produção de alimentos e mais do que isso em energia, que é preciso preservar os recursos naturais (inclusive por causa do aquecimento global), que o poder aquisitivo da população de países emergentes vai crescer, que as regras de comércio agrícola precisam ser flexibilizadas (com redução dos subsídios dos ricos), que a tecnologia agrícola tropical tem que ser levada ao continente africano, que a agroenergia não pode suplantiar a produção de alimentos, que o desmatamento deve diminuir, etc, etc, etc.

Todo mundo está careca de saber disso. Mas não se faz nada de concreto, por mais que a FAO – Organização de Agricultura e Alimentação das Nações Unidas – se esforce para convencer o mundo dos riscos de desabastecimento.

Boa parte desta inércia se deve à falta de lideranças globais que indiquem os caminhos a seguir. Boa parte se deve ainda à visão urbana de muitos governos, que entendem segurança alimentar apenas sob a ótica do abastecimento, porque isso dá votos, e se esquecem de que não se abastece sem produção. Falta um esforço dirigido, para a produção, com ênfase aos fatores ligados a ela: tecnologia, logística, financiamento, estoques, seguro de preços, regras de comércio, bolsas eficientes, infraestrutura, etc.

E muitos países produtores sabem como fazer isso tudo, mas falta coesão em torno do assunto.

Está na hora de criar um novo grupo, o G da Produção. Os países com disponibilidade de terra, tecnologia ou *know how*, poderiam se juntar, com apoio da FAO, e montar um gigantesco projeto de aumento da produção rural, com renda garantida aos produtores pequenos, médios e grandes de todos os continentes. O Brasil tem que estar no comando deste G, ao lado do Canadá, Argentina, China, Estados Unidos, Índia, Rússia, Ucrânia, Indonésia, Sudão, Congo e Austrália, entre outros.

Eis um desafio formidável para a competente equipe do Itamaraty liderar.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e Embaixador da FAO para o Ano Internacional do Cooperativismo**